

Entrevista de Joaquim Franco ao *Notícias de Viana* (jornal da Diocese de Viana do Castelo)

Joaquim Franco nasceu em Lisboa, em 1967. Casado, tem dois filhos. É investigador em Ciência das Religiões na ULHT, fundador do Observatório para a Liberdade Religiosa, autor e co-autor de diversas publicações – entre as quais, *Papa Francisco – A Revolução Imparável*, *Do eu solitário ao nós solidário*, *Somos pobres mas somos muitos e Leitura (im)possível de uma visita* –, e é também formador em *Religião e Comunicação*. Fez formação em jornalismo no CENJOR. É jornalista da SIC e foi fundador da SIC Notícias. Recebeu o Prémio Orlando Gonçalves 2014, pela reportagem *Esplendores...* (SIC); 2.º Prémio Giuseppe de Carli 2013, pela reportagem *Arquivo Secreto Vaticano* (SIC); Prémio Comunicação Social/Rádio 1999, pela reportagem *Terceira Idade da Inocência* (TSF); Menção Honrosa Imprensa 2005, pelo documentário *João Paulo II, o primeiro Papa global* (SIC/Expresso); Menção Honrosa CLEPUL 2013, pela reportagem *O esplendor da austeridade* (SIC); e viu a reportagem *Ritual da morte no Islão* nomeada entre as melhores de 2006 pelo ACIME.



O *Notícias de Viana* esteve à conversa com o conhecido jornalista que tem acompanhado os grandes momentos da vida da Igreja, na Semana que antecede a celebração do Dia Mundial das Comunicações Sociais que terá lugar no próximo domingo.

1. A Igreja, já em 1966, afirma no Decreto *Inter Mirifica*, assinado por Paulo VI, que é seu dever «pregar a mensagem de salvação, servindo-se dos meios de comunicação social». A Igreja tem sabido utilizar estes meios?

É uma importante pergunta. Até porque parte de um equívoco que ganhou forma precisamente no documento de 1966. Ao dizer que é “dever” da Igreja “pregar” a mensagem “servindo-se dos meios de comunicação social”, o Papa condicionou a atitude quanto aos meios de comunicação social. Estávamos no dealbar de novas linguagens e tecnologias, mas longe de supor o turbilhão comunicacional em que nos encontramos. Intuiu Paulo VI, o papa defensor das democracias, que a Igreja devia estar nos media com uma presença institucional, com instrumentos próprios, garantindo uma voz na multiplicidade de meios disponíveis. Embora legítima, esta opção, entendida como uma prioridade, teve duas consequências: garantiu, em quase todo o espaço de implantação católica, uma voz da Igreja no mundo dos meios de comunicação – com jornais, rádios e televisões –, mas acantonou a opinião católica. A leitura não pode ser linear, obviamente. Até porque sabemos que os meios da Igreja foram e são, em muitos quadrantes, a forma única de dar voz à defesa da dignidade humana, contra ditaduras e ditadores, num corajoso espírito missionário que salta a cerca da religião e do proselitismo. Referidas estas ressalvas, direi, na resposta concreta à pergunta, que a Igreja tem “sabido” utilizar os meios, mas não sei se a utilização dos meios numa perspetiva meramente instrumental é a melhor forma de comunicar no mundo. Estamos numa era de metamorfose na comunicação. Em que o risco de confundir comunicação com propaganda e marketing é muito maior, também no campo religioso. A Igreja deveria, a meu ver, revelar-se mais disponível e sem preconceitos no mundo mediático secularizado, realçando uma dimensão humana integral, que não se limita ao

efêmero das velocidades e do homem consumista. Como é que isso se faz? Pois, não sei se há fórmulas exatas. Mas parece-me que, em primeiro lugar, a Igreja tem de mudar a atitude, sem prejuízo de se repensar e até solidificar nos seus meios próprios. Até porque há uma tendência, por via da revolução digital e das redes, para o consumidor prescindir das grandes plataformas de mediação – como o jornalismo – e se entender, ele próprio, interveniente com acesso direto à “realidade”. Sabemos que é uma perigosa falácia, mas, havendo esse risco, que a Igreja mantenha então os seus próprios canais abertos e sólidos com os crentes...

2. O Santo Padre elegeu como tema da sua Mensagem para o próximo Dia Mundial das Comunicações Sociais as «fake news». O que se pede hoje aos meios de comunicação social da Igreja, numa era em que a informação (e a desinformação) se propaga a uma grande velocidade?

Li com curiosidade a comparação que o Papa fez das “fake news” à serpente do Paraíso. É outra forma de ver o problema, e se calhar a mais interessante. Mentir não é coisa da tecnologia. É do homem. É o homem que faz e usa a tecnologia. E sabemos que as tecnologias de comunicação alteraram a forma de nos relacionarmos. Hoje o android ou o iphone já não são instrumentos de comunicação, são um prolongamento da nossa própria personalidade. No mundo onde nos tornámos dependentes destas tecnologias, já não nos entendemos sequer sem elas. Tiveram e têm a capacidade de alterar a linguagem, o pensamento e a opinião. Talvez por isso, mais relevante do que o conceito de “fake news”, seja a intervenção do “algoritmo”. Mediaticamente não somos verdadeiramente livres. É-nos dado a consumir o que tendencialmente, e por cálculo estatístico, pode interessar-nos mais. Também não é novo. As nossas relações são seletivas. Mas ao aceitarmos que isto aconteça em plataformas que se apresentam como supostas garantias da diversidade, estamos a aceitar a criação de *guetos* digitais e relacionais, com um impacto perverso, da política à religião. Não se trata de dar apenas uma notícia falsa ou tendenciosa sobre o Papa, mas de esta acabar por formatar opinião junto daqueles que mais gostam de saber coisas sobre o Papa.

Noutra perspetiva, e a pergunta é nesse sentido, a única forma, a meu ver, de contrariar esta perversidade dupla é dizer sempre a verdade e garantir sempre a diversidade, sem medo da tensão e da diferença – que fazem parte da história. A Igreja não é, nunca foi, um edifício monolítico. E não se confundam os conceitos, que é meio caminho para alimentar preconceitos. Há muita gente em Igreja a reafirmar preconceitos...

Ainda noutra perspetiva, teremos de repensar o que realmente é importante na vida comunitária. Rever os mecanismos de co-responsabilidade e distinguir acontecimento de evento mediático ou mediatizável, mas estas são outras reflexões...

3. Nem sempre é fácil para a Igreja marcar presença nos meios de comunicação social que não têm inspiração cristã, embora saibamos como esta presença é fundamental para que a Igreja esteja hoje presente no «espaço público». O que pode a Igreja fazer mais? Considera que a Igreja tem sabido dialogar com estes meios e aproveitar as oportunidades que estes lhe oferecem?

Como dei e entender na primeira pergunta, faltará aos rostos e vozes do pensamento cristão um maior espaço de intervenção. Mas ele existe. Só temos de perceber o que é a “voz” da Igreja. É o Papa? É o bispo? É o padre? É um grupo mandatado para fazer apenas eco de um qualquer monolitismo de opinião? Ou é também o político, o economista, o futebolista ou qualquer outra pessoa mobilizada pela cultura cristã, capaz de estar no mundo

do diálogo e do debate de ideias sem preconceitos, assumindo-se até como possibilidade de contraditório na própria Igreja? Porque a religião também produz ideias e, se calhar, mais importante do que procurar apenas respostas é ter a capacidade de fazer perguntas às respostas que julgamos ter...

4. O Papa Francisco, em concreto, é, como sabemos, aquilo a que se pode chamar um Papa mediático. D. Manuel Clemente dizia, em 2013, que «o segredo do sucesso mediático do Papa é a sua autenticidade». Concorda com esta ideia? O mundo está, de facto, sedento de figuras que se imponham pela sua genuinidade e autenticidade?

Em certa medida, sim. Mas o que é a “autenticidade” no mundo mediático? A cor dos sapatos do Papa ou o que ele diz? De outra forma... o que ele diz ou a forma como diz? Os crentes percebem realmente o que ele diz quando lhe batem palmas? Ou a dita “autenticidade” está a transformar-se apenas num “estilo”?

É que o “estilo” é a “autenticidade” do sucesso mediático. E em Francisco parece-me que é muito, mas muito mais do que isso. Esta autenticidade no Papa Bergoglio é a correspondência entre o que diz, a memória do que foi, o exemplo que dá e o pragmático esforço de mudança sem deixar de ser quem é. Fazem de facto falta pessoas assim. São raras. E mais raras ainda no jogo da grande mediatização. Ignacio Ramonet falava em 1999 do conceito de “messianismo” mediático. Figuras raras que resultam de uma expectativa preenchendo autenticamente um espaço de espera. Esta expectativa pode ser fabricada, claro. Não é esta a “autenticidade” de Francisco, embora nele reconheçamos também os critérios do “messianismo” mediático, de alguém que era muito esperado na Igreja e no mundo e sobre a qual se depositam agora expectativas que ultrapassam as possibilidades da própria figura...

5. Publicou, recentemente, a obra «Papa Francisco – A Revolução Imparável», juntamente com António Marujo. Como olha para o pontificado de Francisco?

Muito do que disse atrás é já abordado no referido livro. Não temos aqui espaço para uma resposta adequada à pergunta, limitar-me-ia a dizer que nenhuma “revolução” se faz só com uma pessoa. Não temos preconceitos com o substantivo. Não se trata de uma “revolução” bélica ou política, obviamente. Constatamos que a dinâmica de mudança na Igreja e, pelo Papa, também no mundo, concretiza coisas verdadeiramente novas e diferentes. Revolucionárias, portanto. Mesmo que fiquem, muitas, pela intenção, representam já uma atitude revolucionária. Dou apenas três exemplos: a mudança em relação ao acolhimento sacramental de católicos divorciados recasados; a valorização do papel da consciência individual, por via do reposicionamento do discernimento na vida dos crentes; o pragmatismo ecológico e económico com inevitáveis consequências na narrativa política. Nestes três domínios Francisco não se limitou a dar sequência a pensamento vindo de trás. Foi mais do que isso. Foi ação concreta. Assumiu o risco, admitindo até de errar. É uma revolução em marcha sobre a figura do Papa e o papel da Igreja no mundo. Dirão que vem do Segundo Concílio do Vaticano. Sim, mas não tínhamos passado ainda estas cercas. E é imparável porque estes dinamismos já atingiram um tal ritmo e expectativa que, sendo parados, implicarão uma rutura. À semelhança de outros importantes Papas, há um antes e um depois de Francisco. Mas este é o que partilha o nosso espaço de existência, logo é neste que depositamos mais atenção e sobre este que fazemos leituras, antevendo que a história o

definirá como uma janela de oportunidade para o evangelho, que se abriu num tempo de crise, exigente e precipitado.

6. O Joaquim é reconhecido pela forma notável e esclarecida como aborda assuntos de teor religioso, acompanhando momentos importantes da nossa vida eclesial. Recorda algum ou alguns momentos em específico ao longo destes anos de trabalho?

Notável será um exagero! Mas tenho de admitir, com a devida humildade, que uma vida profissional e académica dedicada ao estudo ou aprofundamento do fenómeno religioso e da Igreja me deu ferramentas especiais.

Foram muitos os momentos profissionais de relevo. A memória curta aponta-me para a vivência do ambiente no conclave de 2013. Mas houve dois momentos que me tocaram de forma simultaneamente profissional e pessoal. Quando um dia, à noite, estava em trabalho no recinto do santuário de Fátima, um homem vem ter comigo, quase na penumbra. Pediu desculpa, disse-me que não era propriamente um religioso, não tinha uma fé enquadrada, mas queria agradecer o meu trabalho. Não ia a Fátima deste criança e naquela noite foi para ver se me encontrava. Porque acompanhava o meu trabalho há muitos anos e sentia-se interpelado. Fiquei sem palavras e respondi-lhe que o meu trabalho era jornalístico, não era para converter ninguém. Ele sorriu e tranquilizou-me: “mas é precisamente por causa disso que eu aqui estou”. Aquele homem reconheceu que o fenómeno religioso, mesmo no complexo ambiente de Fátima, merece ser tratado sem ambiguidades confessionais ou proselitismo. Nunca alguém do meio jornalístico me havia dito isto de forma tão direta e simples. Foi um alento para o profissional. Não fiquei com o contacto deste homem. Disse-me depois que estava a gostar daquele silêncio noturno ali no santuário e se calhar passaria a ir mais vezes à noite, mesmo não acreditando nas narrativas da devoção. Era muito crítico até...

O outro episódio foi com o Papa Francisco. Numa audiência em São Pedro, estava na fila para o cumprimentar pela primeira vez. Antes de mim estava um cidadão argentino, invisual. O Papa esteve com ele largos minutos e quando passou à pessoa seguinte, eu, não lhe largou a mão. Conversámos uns instantes, mas ele nunca largou a mão do argentino. Só o fez para me agradecer os livros que lhe oferecera, mas antes de seguir para o próximo, voltou atrás e teve mais uns segundos de conversa com o homem, sempre a segurar-lhe na mão. Testemunhei ali que a tal autenticidade de que se fala de Bergoglio é uma autenticidade quente. Feita de contactos concretos, de sentimentos, de tato e de calor. Quando está com alguém, está, totalmente, enquanto o outro continuar a solicitá-lo. Foi um momento, breve, aparentemente normal, mais que deixou marcas. Naqueles poucos minutos percebi mais uma vez que a primeira condição para se ser humanamente “grande” é estar disponível para o outro tal como ele é...

Entrevista por Pe. Renato Oliveira